Desafios e estratégias de mapeamento de coleções de ensino e pesquisa na UFMG

Challenges and strategies for mapping teaching and research collections at UFMG

Verona Campos Segantini^{1*}

Letícia Julião^{2**}

Giovanna Giovanelli T. Gimenez^{3***}

Beatriz F. Conter Pinheiro^{4****}

Cláudia Beatriz R. S. C. R. Camelo^{5*****}

Resumo: Esse relato de experiência tem por objetivo apresentar um projeto piloto desenvolvido com o propósito de mapear acervos que não se encontram sob a guarda de espaços de memória institucionalizados que compõem a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, mas que, em razão de seu valor científico e cultural, devem ser reconhecidos como de interesse de salvaguarda. A partir da metodologia de mapeamento desenvolvida em outras instituições e projetos de pesquisa, optou-se por dar início ao projeto a partir da Escola de Engenharia da UFMG, inaugurada em 1897. Levou-se em consideração sua longa trajetória, uma expressiva quantidade de departamentos que mobilizam e produzem registros importantes das ações universitárias de pesquisa e ensino. Nesse trabalho que perpassou departamentos e laboratórios, identificamos núcleos de acervos que nos pareceram prioritários. Passou-se à etapa posterior de diagnóstico das proto-coleções, buscando compreender, sobretudo, a constituição desses acervos, vinculações institucionais, intervenções e ações realizadas. Tal diagnóstico nos permitiu compreender que os processos de deslocamento da Escola de Engenharia e um frágil reconhecimento e institucionalização dos acervos provocaram consequências como a ausência ou a perda de informações sobre proveniência e usos dos objetos. O relato ainda destaca a importância de estratégias de extroversão, como exposições, para dar visibilidade aos acervos e promover o reconhecimento e a preservação do patrimônio científico e cultural das universidades. Dessa forma, o projeto serviu de embasamento para discussões e definição de estratégias que acomodam expectativas de resignificação dessas coleções, conferindo-lhes o estatuto de bens patrimoniais que referenciam as memórias e ações da comunidade universitária e da sociedade.

^{1*} Graduada em História pela UFMG e Design de Ambientes pela UEMG. Doutora e Mestre em Educação pela UFMG. Professora Adjunta da Escola de Belas Artes. Atua no Curso de Graduação em Museologia e no Mestrado profissional em Educação (Promestre/FaE). Realizou vários projetos de exposições nos museus universitários e coordenou o Núcleo de Expografia do Espaço do Conhecimento UFMG e o Campus Cultural UFMG em Tiradentes entre 2019 e 2022. Participou do Scholarship Programme for Young Professors and Researchers from Latin American Universities (Coimbra Group) na Universidade de Pádua. Coordenou a Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia e atualmente é presidente da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade. veronasegantini@yahoo.com.br

^{2**} Doutora em História pela UFMG, com período de estágio sanduíche na *Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne*. Mestre em Ciência Política e bacharel e licenciada em História pela UFMG. Professora associada da UFMG, atuando no curso de graduação de Museologia/Escola de Ciência da Informação e nos Programas de Pós Graduação em Ciência da Informação/UFMG, Promestre/UFMG e Museologia e Patrimônio/UFRGS. juliao.leticia@gmail.com

^{3***} Bacharel em Museologia pela UFMG e Técnica em Administração pelo SEBRAE/MG. Atualmente é bolsista de apoio técnico na modalidade BDCTI pela FAPEMIG, atuando na pesquisa, produção e ilustração de documentos referentes aos viajantes naturalistas no século XVII. giovanna.gimenez98@gmail.com

^{4****} Bacharel em Museologia pela UFMG. Estagiou na Secretaria de Cultura e Turismo de Minas Gerais durante o período da graduação na Diretoria de Economia Criativa, onde contribuiu para a criação da Rede de Cidades Criativas de Minas Gerais e na Diretoria de Fomento. beatrizfcpinheiro@gmail.com

^{5*****} Bacharel em Museologia pela UFMG, graduada como Tecnóloga em Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos pela UEMG, graduada e licenciada em Psicologia pela Universidade Fumec. Cursa Pós-graduação em Técnica Redacional e Revisão de Textos pela Faculdade Arnaldo. claudiabcamel@gmail.com

Palavras-chave: Mapeamento; museus universitários; patrimônio científico; coleções; documentação museológica

Abstract: This experience report seeks to present a pilot project that was developed with the objective of outline collections which are not under the custody of the institutionalized memory spaces comprising the UFMG Network of Museums and Spaces of Science and Culture. These collections, owing to their scientific and cultural significance, warrant acknowledgment as items of preservational interest. Employing a mapping methodology already used by prior initiatives within distinct institutions and research undertakings, it was resolved to initiate the project within the confines of the UFMG School of Engineering, established in 1897. Taking into consideration its extensive historical trajectory and the myriad departments that actively engage in the generation of pivotal records pertaining to university research and pedagogical activities, this study traversed the domains of multiple departments and laboratories, thereby pinpointing central collections that merited prioritization. Subsequently, the diagnostic phase was initiated to elucidate the nature of these proto-collections, with a primary focus on their constitution, institutional affiliations, interventions, and actions executed. This diagnostic process shed light on the ramifications of the School of Engineering's displacement, along with the tepid acknowledgement and institutionalization of these collections, ultimately culminating in repercussions such as the absence or erasure of vital information concerning the provenance and utilization of the objects. The report underscores the significance of extroversion strategies, notably exhibitions, as mechanisms for enhancing the visibility of these collections and furthering the recognition and preservation of the scientific and cultural heritage belonging to universities. In this vein, the project laid the foundation for substantive discussions and the formulation of strategies that accommodate the expectations surrounding the recontextualization of these collections, ultimately conferring upon them the status of heritage assets that serve as references for the collective memory and undertakings of the university community and society at large.

Key-words: Mapping, university museums, PCC&T, scientific heritage, collections, museological documentation.

Introdução

Este relato tem por objetivo apresentar os resultados de um projeto de extensão piloto que partiu da necessidade e interesse em mapear e criar estratégias de salvaguarda para conjuntos de objetos e coleções pertencentes à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que não se encontram sob a tutela dos espaços de memória, sobretudo daqueles que compõem a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. A UFMG completou 90 anos em 2017 e com isso, configurou-se um momento oportuno para se pensar e consolidar políticas e práticas de valorização da memória institucional que se desdobraram em ações de reconhecimento e valorização de seu patrimônio cultural, científico e tecnológico. Nesse contexto, foi possível detectar a necessidade inadiável de, não só sensibilizar a comunidade acadêmica para a preservação de seus acervos, reconhecidos como registros das ações de pesquisa, ensino e extensão e, por consequência, da produção do conhecimento no âmbito da universidade, como também pensar em novas alternativas e melhores estruturas para a gestão desse patrimônio.

Em 2017, quando o projeto de mapeamento foi iniciado, estava em processo, àquela época ainda incipiente, o trabalho de documentação e de implantação de um

sistema de informação de acervos que estão sob a guarda de espaços de memória vinculados à unidades acadêmicas e a outros órgãos da universidade. Concomitante a esse processo que dava relevo à gestão dos acervos universitários, era desenvolvido o projeto de extensão “Avaliação Museológica: coleções e museus da UFMG”⁶, no curso do qual foi identificada a necessidade de expandir o estudo sobre o patrimônio cultural de ciência e tecnologia, a partir de uma ação de mapeamento de coleções, conjuntos e objetos, para além daquilo que se encontra “‘institucionalizado’ em museus, bibliotecas e arquivos” (LOURENÇO, 2016, p.19). Ambos os projetos, desenvolvidos no âmbito da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, concorreram para estabelecer uma perspectiva alargada do escopo do patrimônio universitário, para além dos acervos sob a guarda de instituições de memória e/ou sob o abrigo dos espaços da Rede de Museus. Primeiramente, era preciso identificar itens, conjuntos de objetos, coleções e acervos que se encontram invisibilizados e que não haviam, até o momento, sido reconhecidos como dignos de serem preservados. Muitos desses conjuntos estavam sob risco iminente de perda nos mais diferentes espaços das unidades acadêmicas, embora representassem valor científico e cultural⁷.

Como desdobramento do projeto de extensão de Avaliação Museológica, foi elaborado o projeto de pesquisa “Reconhecimento do patrimônio científico na UFMG: mapeamento, registro e salvaguarda”⁸. Dessa forma, estruturou-se o trabalho de mapeamento como uma estratégia que, por meio da atribuição de “valores, significados e sentidos” (CARTA DO RIO DE JANEIRO, 2017, p.2), possibilitou o reconhecimento como bens de valor cultural. Nesse sentido, procedeu-se ao reconhecimento desses acervos como de interesse para a salvaguarda, conferindo-lhes o estatuto de bens patrimoniais, por meio de debates e reconhecimento coletivo que referenciam as memórias e as ações da comunidade universitária, sobretudo de produção do conhecimento e formação nas mais diferentes áreas. Justamente por terem ficado fora do alcance do reconhecimento como bens patrimoniais, muitos conjuntos de objetos apresentam lacunas de informação provocadas, sobretudo, pelas dinâmicas institucionais e pelo processo de obsolescência que caracteriza muitos dos

⁶ Este projeto foi coordenado pelos professores da Escola de Ciência da Informação Leticia Julião; Eliane Rocha e Paulo Roberto Sabino.

⁷ Partimos das diretrizes apresentadas na carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e da Tecnologia (2017).

⁸ Além de bolsistas, participaram também do projeto “*Reconhecimento do patrimônio científico na UFMG: mapeamento, registro e salvaguarda*”, estudantes do Curso de Museologia a partir da disciplina obrigatória de Vivência Profissional. Esta pesquisa recebeu apoio dos editais da Fapemig 001/2017 (Demanda Universal) CNPq 28/2018 (Universal) e contou com o apoio do edital Prpq/Rede de Museus, com a concessão de bolsas de iniciação científica.

equipamentos e instrumentos utilizados nas atividades de ensino e pesquisa em determinadas áreas do conhecimento. Os registros remanescentes, ou o que Marta Lourenço, denomina de "matéria negra", compreendeu nosso esforço de investigação prioritário no projeto e definiu nossa metodologia de trabalho:

O verdadeiro problema é identificar o resto: conjuntos de objetos, livros e documentos dispersos em locais muito diferentes (laboratórios, salas de aula, corredores, gabinetes, caves e armazéns), em estádios diferentes de uso (uso primário, uso secundário, órfãos, adormecidos, esquecidos, decorativos), e sob responsabilidade de pessoas muito diferentes (diretores de escolas ou departamentos, professores e investigadores no ativo e reformados, secretários, estudantes, preparadores, técnicos, entre outros) (LOURENÇO, 2016, p.18).

Muitos espaços da universidade abrigam uma quantidade substancial e uma diversidade notável de objetos, muitos dos quais já considerados obsoletos, e por isso suscetíveis a danos e perdas irreversíveis. Sem um trabalho de mapeamento ou inventário, esses acervos permanecem à margem, e são sempre mais impactados pela ausência de políticas patrimoniais eficazes e permanentes na universidade. Nesse sentido, repensar as formas de salvaguarda do patrimônio científico, cultural e tecnológico em consonância com as transformações da tecnologia no âmbito acadêmico é um desafio cada vez mais recorrente, que deve envolver múltiplos agentes e uma rede de cooperação entre os órgãos e setores da universidade.

No caso da UFMG, a experiência da Rede de Museus remete a iniciativas que buscaram fomentar e estruturar ações para a salvaguarda de coleções universitárias⁹. Contudo, mesmo a existência da Rede e a expansão de espaços institucionalizados de preservação - museus e centros de memória - presentes hoje em várias unidades acadêmicas, não garante a identificação e a salvaguarda de acervos que estão em risco iminente de perda ou desfazimento, considerando a lógica de gestão do patrimônio da universidade. Nessa direção, o projeto iniciado em 2018, que comportou uma interface entre a pesquisa e a extensão, buscou se debruçar na problematização e na metodologia de mapeamento de acervos pouco reconhecidos ou que se encontravam em risco de perda e dano.

Além dos equipamentos e coleções presentes em laboratórios de pesquisa e ensino, também os arquivos pessoais de professores foram considerados como um grupo específico de acervo sensível em relação às condições de preservação. Foram

⁹ Sobre o histórico da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, ver: Marques e Segantini (2015).

então estabelecidas duas frentes de trabalho que aconteceram em concomitância, uma no Instituto de Ciências Exatas da UFMG (ICEx) e outra na Escola de Engenharia (EEUFMG), cujo trabalho será mais bem detalhado neste relato de experiência.

1. Estratégias de mapeamento das proto-coleções

O projeto concebido no âmbito da UFMG teve como referência dois trabalhos desenvolvidos com o intuito de identificar acervos de Ciência e Tecnologia. O primeiro foi a pesquisa desenvolvida em Portugal no ano de 2016, que resultou na publicação "A Universidade de Lisboa: Museus, Coleções e Patrimônio", sob a coordenação de Marta Lourenço, e o segundo foi coordenado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

A ficha matriz desenvolvida para o Projeto "Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia e museus universitários: pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas" (MAST) foi um dos principais documentos utilizados como base metodológica. Nessas fichas, são levantados dados básicos para o registro de proto-coleções, coleções, objetos e museus. Os dados estão estruturados nos seguintes tópicos: Designação; Dimensão; Instituição e Unidade de Tutela direta; Localização; Website; Curador/Responsável e Contato; Informações descritivas e históricas; Relevância; Situação da documentação do acervo; Registro fotográfico e informações complementares.

O presente texto apresenta um relato de experiência dos resultados obtidos no mapeamento preliminar realizado na Escola de Engenharia da UFMG que tem sua criação diretamente relacionada à construção da nova capital de Minas Gerais, atual Belo Horizonte, em 1897, e a demanda de criação de instituições de ensino. Em 1911, em um encontro realizado pela Sociedade Mineira de Agricultura definiu-se a criação da Escola de Engenharia, sendo ela instalada na região central de Belo Horizonte na Avenida do Comércio, hoje Santos Dumont, nº 174. Na década seguinte, a Escola Livre de Engenharia de Belo Horizonte associou-se à Faculdade de Direito, à Escola Livre de Odontologia e à Faculdade de Medicina para a criação da Universidade de Minas Gerais (UMG), em 1927. Em 1949, a UMG foi federalizada e, a partir de 1965, passou a ser conhecida como Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No ano de 1952, a Congregação da Escola de Engenharia aprovou um projeto para a construção de uma nova sede no centro de Belo Horizonte, resultando na inauguração do Edifício Arthur Guimarães, em 1959. Posteriormente, o complexo da Escola de Engenharia foi

expandido com a construção de um novo prédio localizado na Avenida do Contorno, também no centro da cidade. Em 1998, o Projeto Campus 2000 estabeleceu a construção, ampliação e a reforma de sete unidades da UFMG, sendo o complexo da Escola de Engenharia (EEUFMG) a maior edificação prevista do projeto, com uma área total de 60.184 m², atendendo a cerca de sete mil usuários. O complexo é constituído por 11 blocos de edificações, localizados no Campus Pampulha, que abrigam, desde 2010, as atividades realizadas na antiga sede na região central de Belo Horizonte.¹⁰

Devido à sua longa trajetória e à expressiva quantidade de departamentos, a EEUFMG produziu e acumulou registros importantes das ações de pesquisa, ensino e extensão. Em 1982, por iniciativa de ex-alunos da Escola, foi criado o Centro de Memória da Engenharia, em um edifício que havia abrigado o Curso de Engenharia Sanitária, localizado na Rua da Bahia, 52, e que faz parte do complexo de imóveis da antiga Escola de Engenharia da UFMG, na região central da cidade. Atualmente, o espaço do Centro de Memória é responsável pela salvaguarda de mais de 1.600 objetos, uma volumosa biblioteca com obras exemplares referentes à história da engenharia, além das atividades da Associação de Ex-Alunos da EEUFMG. Embora desempenhe importante papel na salvaguarda de coleções, o Centro de Memória não desenvolveu, ao longo de sua existência, uma política estruturada de recolhimento e salvaguarda, extensiva aos acervos correspondentes às diversas áreas de atuação e departamentos da EEUFMG. Partimos da compreensão da relevância desta unidade na história da UFMG e da cidade, e desse enquadramento institucional para nortear o início do trabalho de mapeamento de acervos nas instalações e dependências da Escola de Engenharia. Para isso, a partir do acesso à planta arquitetônica da Escola, identificamos os espaços que possivelmente abrigariam coleções. A partir desses dados preliminares, iniciamos o trabalho de levantamento de informações sobre os departamentos e estruturas de ensino e pesquisa presentes na Escola de Engenharia. Foram localizados 132 laboratórios, gabinetes e “espaços de guarda” considerados como potenciais para essa busca.

Após essa análise minuciosa e extensa, seguimos para o agendamento e realização das pesquisas de campo, que possibilitaram a identificação e posterior registro das coleções. A pesquisa *in loco* também foi acompanhada pela realização de entrevistas com gestores, docentes e servidores técnico-administrativos. Essas visitas se estendiam por diversas semanas, devido à variedade, especificidade e complexidade

¹⁰ Disponível em: <https://www.eng.ufmg.br/portal/aescola/historico/> . Acesso em: 05 jul. 2023.

na identificação desses acervos e, principalmente, pela sua situação de guarda e conservação. A pesquisa inicial permitiu recolher informações sobre objetos ou proto-coleções, que serviram como baliza para se delinear a compreensão do perfil desse patrimônio cultural de ciência e tecnologia.

De todos os espaços inicialmente destacados e que foram visitados pelos integrantes da equipe do projeto foram identificados 50 com a presença de acervos. É importante destacar a existência de acervos em todos os 13 departamentos que compõem a Escola: Engenharia de Estruturas, Engenharia de Materiais e Construção Civil, Engenharia de Minas, Engenharia de Produção, Engenharia de Transporte e Geotecnia, Engenharia Elétrica, Engenharia Eletrônica, Engenharia Hidráulica e Recursos Hídricos, Engenharia Mecânica, Engenharia Metalúrgica e de Materiais, Engenharia Nuclear, Engenharia Química, Engenharia Sanitária e Ambiental. Dos acervos identificados, convém destacar como particularmente significativos aqueles sob a responsabilidade do Departamento de Engenharia de Minas, seguidos pelo Departamento de Engenharia Elétrica.

Posteriormente às primeiras visitas, quando era aprofundado nosso entendimento sobre coleções e sua relevância científico-cultural, seguiam-se os procedimentos do mapeamento: o registro fotográfico e o preenchimento de uma planilha que reunia todos os campos da ficha matriz utilizada como referência para o projeto. A partir dessa iniciativa foram mapeados mais de 360 equipamentos de pesquisa e ensino, mobiliário e coleções de livros, periódicos e teses. A tipologia de acervo mais encontrada refere-se aos instrumentos que eram utilizados para fins de ensino, como microscópios, máquinas, motores, fornos, prensas e balanças. Destacamos também a expressiva coleção de amostras de minerais, do Museu de Mineralogia do Departamento de Minas (DEMIN).

Após essa etapa de identificação e registro finalizada, partimos para outros desdobramentos do projeto, com uma avaliação mais detalhada do estado de conservação dos conjuntos e sua relevância histórico-científica. Para isso, também registramos os números de patrimônio integrados aos objetos e realizamos pesquisas ao sistema de controle patrimonial da universidade, buscando encontrar informações mais precisas sobre os objetos, como informações de procedência, aquisição, valor e situação de registro. Com essa primeira fase concluída, identificamos dois núcleos de coleções que, em virtude da relevância, foram priorizadas para um aprofundamento de análise e registros.

O primeiro núcleo se refere ao Museu de Mineralogia e o outro ao arquivo pessoal do professor Cláudio de Barros¹¹, fundador do curso de Engenharia Aeronáutica. Após a identificação desses núcleos foi feito um diagnóstico, buscando compreender, sobretudo, como essas coleções foram constituídas, quais as suas vinculações institucionais e quais intervenções foram realizadas desde que foram constituídas.

O Museu de Mineralogia da Escola de Engenharia da UFMG foi criado na década de 1960, por iniciativa dos professores Djalma Guimarães e Roberto Nogueira Cardoso, que montaram uma sala no antigo prédio da Escola, onde existia também um painel pintado na parede com as informações das eras geológicas e as amostras minerais. Com a transferência do Departamento de Minas para o campus Pampulha, o acervo também foi transferido, permanecendo fechado por um período até a sua reorganização.

Atualmente, após sua transferência para o Campus Pampulha, a coleção continua apoiando as atividades de ensino, tendo como principal finalidade auxiliar os alunos dos cursos de Engenharia de Minas e Geologia no estudo das mais variadas categorias de minerais existentes. É importante ressaltar que a formação da coleção é resultado das coletas realizadas por professores em visitas de campo, além de doações de pesquisadores de outros países. O diagnóstico inicial aponta que, em virtude dos deslocamentos da coleção e a frágil institucionalização do Museu - devido às suas mudanças de espaço físico e falta de uma política de acervo consolidada - , muitas informações sobre as amostras se dissociaram, criando lacunas relativas ao registro da proveniência e contextos de recolhimento. Contudo, por iniciativa de professores e alunos ligados ao Departamento de Minas, juntamente com a Minas Jr Consultoria Mineral¹², o trabalho de identificação e classificação das amostras foi retomado, de forma a priorizar a identificação a partir de diretrizes voltadas para a área da geologia. De acordo com o levantamento feito pela empresa Júnior, o acervo é composto por aproximadamente 2.500 amostras, que atualmente estão reunidas na sala do museu e em armários distribuídos pelos corredores próximos. Apesar do seu mérito indiscutível,

¹¹Cláudio Pinto de Barros (1938-2011) foi o criador do curso de Engenharia Aeronáutica da UFMG e iniciou sua carreira como docente na Escola em 1963. Foi responsável pela criação, em 1965, do Centro de Estudos Aeronáuticos (CEA), onde o seu acervo foi reunido ao longo dos anos de trabalho. Em 1993 foi agraciado com o prêmio Fundep, concedido aos pesquisadores que apresentam contribuição decisiva para a evolução do conhecimento na universidade. Após se aposentar, em 2004, continuou dando aulas na unidade como professor voluntário. Disponível em: <https://www.ufmg.br/diversa/10/aeronautica> . Acesso em: 05 jul.2023.

¹²A empresa é uma associação fundada em 2005 pelos alunos do curso de Engenharia de Minas da UFMG, sem fins lucrativos, que busca aprimorar a formação acadêmica, cultural e social dos alunos do curso de Engenharia de Minas e Geologia da UFMG.

esse trabalho desenvolve-se, no entanto, alheio às recomendações de organismos nacionais e internacionais para a documentação de acervos museológicos.

Observou-se, por exemplo, que os métodos de catalogação das peças não correspondem a protocolos da salvaguarda, a exemplo da falta de padronização de termos utilizados nos registros ou a marcação de itens com material que poderá contribuir com a degradação das amostras.

Foi possível notar também, durante as iniciativas de catalogação em curso, que muitas etiquetas de identificação mais antigas estavam dissociadas das amostras correspondentes. Isso provavelmente é decorrência do deslocamento das amostras durante a realocação da Escola de Engenharia, com a transferência de sua sede, ou mesmo resultado dos procedimentos atuais de classificação. Essas etiquetas foram preservadas com o objetivo de futuras tentativas de associação com as respectivas amostras. Somam-se a esses desafios da documentação da coleção, o fato de que se perdeu o livro de inventário, onde eram registrados os dados das amostras e seus números de identificação e proveniência.

Outro foco de nossa atenção no projeto de mapeamento foi a identificação e diagnóstico inicial do arquivo pessoal do professor Cláudio de Barros, responsável pela criação do curso de Engenharia Aeroespacial na UFMG. Este acervo, localizado nas dependências do Centro de Estudos Aeronáuticos, é composto por inúmeros documentos como projetos de aviões, livros e periódicos essenciais para o estudo da Engenharia Aeroespacial, a sua tese de doutorado sobre a metodologia de projeção de aeronaves leves, assim como registros sobre o ultraleve *CB-10 Triathlon*, criado por ele e que teve produção em escala industrial. Esse arquivo pessoal, constituído ao longo da trajetória do professor, é um registro de grande relevância para a história das pesquisas nesta área do conhecimento.

A partir da análise inicial das condições de guarda desse acervo observamos alguns desafios que também se apresentam em outras situações vivenciadas em espaços ou coleções análogas. Os gabinetes de professores e laboratórios onde atuam, após a aposentadoria ou afastamento por diferentes motivos, são ocupados para outros usos, o que coloca, muitas vezes, o acervo em risco iminente de desfazimento ou de desmembramento. Embora se reconheça, de alguma forma, a sua relevância, esses registros documentais resultantes das atividades de pesquisa e de ensino de docentes encontram-se vulneráveis, em face à ausência de uma política de preservação e gestão de coleções e acervos universitários. Nesse caso, observamos uma espécie de

negligência ou abandono desses acervos que ficam expostos a diferentes agentes de degradação, ao acesso sem controle aos itens da coleção, à apropriação de equipamentos, instrumentos ou outros objetos para usos diversos, o que acaba por impactar a organicidade da coleção, comprometendo o conjunto e as informações associadas, em um processo que subtrai o potencial oferecido por esses objetos para investigações futuras. Por ser identificado como um arquivo pessoal, a intenção foi realizar primeiramente, o reconhecimento de objetos e documentos, permitindo identificar, arrolar e caracterizar esse acervo. Como desdobramento desse mapeamento, a parte documental desse acervo foi recolhida, para ser objeto de estudo em disciplinas do Curso de Arquivologia relacionadas à organização de acervos pessoais, e encontra-se em fase de processamento técnico.

2. As Exposições como estratégias de identificação e extroversão de acervos

As Exposições Curriculares desenvolvidas no âmbito do Curso de Museologia da UFMG, como atividade obrigatória no percurso formativo dos estudantes, também têm se configurado momentos propícios para a identificação de potenciais acervos que estão presentes em diferentes unidades acadêmicas e instâncias administrativas da UFMG. Dessa forma, algumas experiências mostram que os processos de concepção das exposições, que são acompanhados pela realização de pesquisa temáticas, mapeamento e seleção de acervos, configuram-se como uma estratégia para dar visibilidade a estes acervos, bem como para o potencial destes como fontes de pesquisa, ampliando as possibilidades de ações de salvaguarda.

Uma dessas experiências aconteceu em 2016, no contexto de comemorações dos 90 anos da UFMG, quando formulou-se uma exposição na perspectiva de se compreender as relações entre a cidade de Belo Horizonte e a Universidade. A exposição “UniverCidade Coleciona” buscou problematizar os projetos de universidade que foram idealizados ao longo do séc. XX e início do XXI que se materializam na configuração espacial e arquitetônica do Campus Pampulha, bem como os diferentes registros, resultantes da produção artística e acadêmica, indicativos das relações entre a Universidade e a cidade. O acervo para a exposição foi reunido a partir do empréstimo de diferentes órgãos acadêmicos e administrativos, sendo o principal núcleo proveniente do departamento de projetos vinculado à Pró-reitoria de Administração, onde se encontram grande parte dos documentos que referenciam a memória arquitetônica da construção do campus Pampulha e das diferentes unidades que foram,

pouco a pouco, sendo construídas. São inúmeros desenhos técnicos, fotografias e maquetes que, embora tenham perdido, em parte, sua função original devido a migração dos projetos arquitetônicos para o meio digital, são fundamentais como suportes de informação dessas construções. Dessa forma, os trabalhos de investigação, de seleção e de extroversão desse acervo contribuíram para dar visibilidade, sobretudo, ao potencial de pesquisa desse patrimônio para a história da universidade.

Outra exposição que revelou a potencialidade de coleções reunidas nas universidades foi realizada em 2019 a partir de um diversificado acervo fotográfico pertencente à Escola de Arquitetura e Design da UFMG. A mostra “Cidade Palimpsésica”, foi concebida a partir dos registros fotográficos de Belo Horizonte nas décadas de 1960 e 1970, realizados por iniciativa do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos (LAFODOC) que esteve em funcionamento até a década de 1970. Este órgão foi criado para dar suporte às atividades de ensino e pesquisa da unidade, produzindo, de forma sistemática, registros de diferentes cidades e suas transformações arquitetônicas, bem como dos estilos e técnicas construtivas empregadas.

A coleção acima referida, servia aos propósitos pedagógicos, dando suporte às aulas e pesquisas, bem como compõe publicações sobre diferentes temáticas. Este acervo, sob a guarda da universidade, representa um dos principais arquivos fotográficos da história da arquitetura e do urbanismo do país, com mais de 50.000 itens e poderá repercutir em inúmeras iniciativas de pesquisa e difusão.

3. Resultados

Como aponta Marta Lourenço (2016), o patrimônio cultural universitário, rico e multifacetado, está disperso e possui formas de organização muito heterogêneas. É preciso reconhecer que, embora os espaços de memória, museus e arquivos desempenhem um papel de relevância para a salvaguarda, estes reúnem uma pequena porcentagem daquilo que pode ser reconhecido como patrimônio cultural nas universidades. Se há uma política mais sistematizada em relação aos arquivos institucionais e administrativos, os registros da pesquisa e do ensino estão muito dispersos, *"circula de forma mais fluida entre os locais das práticas - laboratórios, gabinetes, salas de aula, oficinas, ateliês ..."* (LOURENÇO, 2016, p.30) e encontram-se em diferentes estágios de uso, ficando muito vulneráveis às dinâmicas institucionais. Para isso, é preciso considerar o que fica "fora do radar", e reconhecer que grande parte

do patrimônio da ciência encontra-se em espaços *"que não possuem nem vocação, nem missão, nem orçamento, nem pessoal qualificado, nem, muitas vezes, sensibilidade para a sua preservação e divulgação"* (LOURENÇO, 2009, p.47). Gostaríamos de destacar que iniciativas como o mapeamento sistemático de proto-coleções, bem como estratégias de divulgação e extroversão desses acervos, podem ser catalisadoras nos processos de reconhecimento, visibilidade e de preservação do patrimônio cultural de ciência e tecnologia presentes nas universidades e apontam para a necessidade de uma *"política deliberada e proativa de incorporações"* (LOURENÇO, 2016, p. 30).

Como ressalta Marta Lourenço, é preciso reconhecer nesses indícios materiais da produção do conhecimento no âmbito das universidades *"o elo que demonstra a continuidade e a capacidade na criação de conhecimento, o cimento que estrutura a coesão e a identidade e a prova material que a relevância da instituição não é uma mera construção ideológica ou uma projeção de intenções"* (LOURENÇO, 2016, p.92). Nesse sentido, é fundamental capilarizar a compreensão da importância da preservação nas diferentes instâncias da universidade, implicando a comunidade acadêmica neste propósito.

Por outro lado, as coleções universitárias devem ser reconhecidas como um patrimônio coletivo e não apenas de uma comunidade acadêmica. Por isso, estratégias que busquem ampliar sua ressonância a outros públicos são fundamentais, fortalecendo os vínculos com a sociedade. Nessa perspectiva, o projeto reforça a expectativa de docentes e alunos em tornar visível, não só à comunidade acadêmica, mas também à população em geral, as ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no âmbito da UFMG.

É importante destacar que o projeto de mapeamento também comportou uma perspectiva de formação do curso de museologia, já que envolveu estudantes matriculadas na disciplina obrigatória Vivência Profissional¹³, parte integrante dos requisitos para a conclusão do curso. Os estudantes envolvidos contribuíram tanto com a identificação das coleções quanto com o registro textual e fotográfico de todos os itens que foram elencados por sua relevância como registros da produção acadêmica da Escola de Engenharia, bem como a avaliação das condições de conservação.

¹³Alunos envolvidos na Vivência Profissional: Beatriz Fernandes Conter Pinheiro, Cláudia Beatriz Ribeiro de Souza Carneiro Rodrigues Camelo, Maria Raquel Diamante Dias, Carlos Alexandre Madalena, Lucinéia M. Bicalho, Maria Celina Machado, Sílvia Maria Amarante do Nascimento. Professora coordenadora: Letícia Julião. Professora Orientadora: Verona Campos Segantini.

Entendemos que a metodologia desenvolvida em consonância a outros projetos de mapeamento, tem sido uma estratégia potente e adequada às necessidades urgentes de identificação e registro do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia. Ressaltamos, contudo, que não se trata de uma metodologia engessada e por isso, tendo em vista as especificidades das universidades, serão sempre adequadas à realidade das instituições, particularmente da UFMG. Compreendemos, portanto, que esse processo de mapeamento e registro é fundamental para compor dados que demonstrem às unidades acadêmicas a necessidade de estabelecimento de critérios para o patrimônio sob sua tutela.

A perspectiva é a de que o projeto se estenda a outros departamentos e escolas da universidade, identificando coleções ainda não mapeadas. Pretende-se também que esse projeto impulse outras ações dessa natureza, a serem realizadas em outras universidades, para que possamos ampliar nosso repertório de forma colaborativa, somando esforços no processo de conformação de uma política para o patrimônio universitário nacional.

Referências

BRASIL. *Carta do Rio de Janeiro*. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/noticias/2017/agosto/carta-do-rio-de-janeiro-sobre-patrimonio-cultural-da-ciencia-e-tecnologia.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2023.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Reverberações do Projeto do Patrimônio Científico e Tecnológico brasileiro na Bahia: a coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio (2011-2014). *Museologia e Patrimônio*, v.8, n.2, p. 57-67, 2015.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François; BERGERON, Yves. *Dictionnaire Encyclopédique de Museologie*. Paris, Armand Colin, 2011.

DRABENSTOTT, Karen Markey. Focused Group Interviews. In: GLAZIER, Jack D.; POWEL, Ronald R. (eds) *Qualitative research in information management*. Englewood, Colorado: Libraries Unlimited, 1992

GRANATO, Marcus. Panorama sobre o patrimônio de Ciência e Tecnologia no Brasil: Objetos de C & T. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. *Cultura material e patrimônio de ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: MAST, 2009.

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta. Reflexões sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia na Atualidade. *Revista Memória em Rede*, v.2, n.4, p.85-104, dez.2010 / mar. 2011.

GRANATO, Marcus; MAIA, Elias da Silva; SANTOS, Fernanda Pires; OLIVEIRA, Pedro Louvain de Campos; SANTOS, Liliâne Bispo dos; HANDFAS, Ethel Rosemberg. Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro: resultados de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. *Anais...* UFSC, 2013.

JULIÃO, Letícia; SABINO, Paulo R.; ROCHA, Eliana C. Diagnóstico Museológico em Museus e Espaços Universitários de Memória e Ciência. In: *Anais do III Sebramus*. Belém: UFPA, 2017. (mimeo)

LOURENÇO, Marta C. O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. *Museologia e Patrimônio*, v 2, n. 1, p.47-53, 2009.

LOURENÇO, Marta C. Patrimônio da Ciência e da Técnica nas universidades Portuguesas: breve panorama no contexto europeu. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p.53-63

LOURENÇO, Marta C. *A Universidade de Lisboa: Museus, Coleções e Patrimônio*. Lisboa: Imprensa da Universidade de Lisboa, 2016.

MARQUES, R. C.; SEGANTINI, Verona C. Rede de Museus da Universidade Federal de Minas Gerais. In: Nascimento, Adalson; Moreno, Andrea. (Org.). *Universidade, memória e patrimônio*. 1ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015, v. 1, p. 31-44.

NASCIMENTO, Adalson.; MORENO, Andrea. (Orgs.). *Universidade, memória e patrimônio. Belo Horizonte*: Mazza Edições, 2015. Coleção Pensar a Educação Pensar o Brasil. Série Estudos Históricos.

RIBEIRO, E. S. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 2, p.88-102, 2013.

RIBEIRO, Emanuela S. Projeto Valorização do Patrimônio de C & T Brasileiro: Resultados em Pernambuco. *Museologia e Patrimônio*, v.8, n.2, p. 29-56, 2015

SEGANTINI, Verona C. ; GIMENEZ, G. G. T. ; PEREIRA, D., D. R. R. VASCONCELLOS, L. F. ; MORENO, E. C. ; MAGALHÃES, I. L.; LEI, C. C. ; IENNACO, I. . Exposições Curriculares do curso de Museologia da UFMG: Experiências e Desafios. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 12, p. 77-94, 2023.

SPECTRUM 4.0: o padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido/ Collections Trust. São Paulo :Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café ; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014.

Data de recebimento: 04.09.2023

Data de aceite: 23.10.2023